

O Longo Tempo de Eduardo da Cunha Júnior



LIVROS



Existencialista explícito

ESDRAS DO NASCIMENTO

Cunha de Leiradella, **O LONGO TEMPO DE EDUARDO DA CUNHA JÚNIOR**. Romance. Editora Nova Fronteira. 124 páginas. CZ\$ 295.

Admitindo o princípio de que Deus morreu, restaria ao homem tentar descobrir valores próprios que lhe permitiriam construir uma ponte para o futuro, embora correndo o risco de, em consequência, privilegiar a angústia como emoção central da vida humana.

A fé seria substituída pela verdade objetiva. O homem deixaria de ter essência. Passaria a ser apenas uma história. E a busca da autenticidade se transformaria na meta da sua vida, através do exercício da liberdade plena.

Essa visão existencialista, quase explícita, caracteriza os atos do personagem-narrador de "O longo tempo de Eduardo da Cunha Júnior", romance de estréia de Cunha de Leiradella. Eduardo é um brasileiro divorciado, de 40 anos de idade, que faz análise três vezes por semana, toma tranquilizantes, acha a pro-

fissão de diretor de marketing uma porcaria, mas não muda de emprego porque recebe o maior salário da companhia onde trabalha e morre de medo de perdê-lo. Troca de carro todos os anos, é sócio de um country club, passa o carnaval na Bahia e férias em Bariloche. Diz que são maravilhosas todas as idéias do patrão, embora não concorde com nenhuma delas e se considera um canalha por não ter coragem de contradizê-lo.

Em cima dessas ambigüidades do personagem, Cunha de Leiradella, utilizando linguagem adequada e técnica narrativa extremamente segura, escreveu uma obra de ficção impar, que tem o mérito adicional de incorporar as indagações da filosofia existencialista ao romance urbano.

A única restrição ou o elogio maior que se poderia fazer a esse romance de Cunha de Leiradella, dependendo do enfoque, seria o peso talvez excessivo que o autor carrega nas costas: a influência flagrante de Beckett e Camus. Também de Ionesco. Um pouco menos.

O GLOBO

Fundador: IRINEU MARINHO

Diretor-Redator-Chefe: ROBERTO MARINHO

ANO LXIII — RIO DE JANEIRO, DOMINGO, 16 DE AGOSTO DE 1987 — Nº 19.628

PROTESTO E O NOVO ROMANCE BRASILEIRO

malcolm silverman

Malcolm Silverman

PhD pela Universidade de Illinois. Cursos de extensão nas universidades de Barcelona e de Lisboa. Exerceu a cátedra de português e de espanhol na Universidade de Kansas. Dirigiu um programa de intercâmbio com a Universidade de Costa Rica e lecionou literatura portuguesa na África. Desde 1975 leciona espanhol e português na Universidade Estadual de San Diego, na Califórnia. Conferencista convidado em diversas universidades americanas e brasileiras e também colaborador como articulista e crítico literário de literatura brasileira em revistas acadêmicas. Publicações: *Moderna ficção brasileira*, v.1 (1978); *Moderna ficção brasileira*, v.2 (1981); *O novo conto brasileiro* (1985); *Moderna sátira brasileira* (1987); *Imagens jornalísticas brasileiras* (1994).

Tradução
Carlos Araújo



Editora
da Universidade

Universidade Federal do Rio Grande do Sul



Editora da UFSCar

*O longo tempo de Eduardo da Cunha Júnior*³⁹ sugere, no seu próprio título, seu caráter memorial e autobiográfico. O autor, Cunha de Leiradella, ostensivamente transmite suas cento e poucas páginas confessionais, pontuadas através de diálogo vivo, via um personagem-narrador frustrado. Eduardo se alterna animadamente com um interlocutor silencioso cuja identidade permanece nebulosa, mas que, como apraz ao nível de ansiedade, franqueza e situação socioeconômica do protagonista, poderia ser seu analista. O relacionamento produz uma atmosfera informal e irrestrita, na qual o narrador é encorajado a “dizer tudo”, justamente como o leitor, aparentemente gozando da confiança de Eduardo, é induzido a sentir-se como um participante ativo, assim identificando-se mais intimamente com a crise existencial em exame. Aliás, é em torno desse dilema pessoal irritante, examinado no aniversário dos 40 anos de Eduardo, que o monólogo inteiro gravita.

Com cinismo, humor, sarcasmo e apreensão, o narrador se propõe a passar em revista sua vida pessoal, uma mistura de *curriculum vitae* e *modus vivendi*; e, no processo, ele esboça um protótipo paródico do executivo urbano brasileiro bem-sucedido, ou, melhor ainda, do burguês na selva capitalista, há muito um dos pilares da era do Milagre. Ele detesta seu trabalho como diretor de *marketing*, no qual ele não ousa discordar do seu empregador, por medo de perder suas usuais mordomias materiais. Em casa, antes do seu divórcio, ele sempre é humilhado e esmagado por sua mulher, uma ninfomaníaca desejosa de subir na escala social. É claro, à parte os detalhes, sua alienação é universal nos objetivos; e, de fato, se traçam paralelos explícitos, de forma passageira, entre o infeliz Eduardo e personagens de Sartre e Camus.⁴⁰

Entretanto, o que ressalta mais do que os detalhes, passados ou presentes, é o estilo sucinto, direto e fluido com que o autor os relata. Reviravoltas irônicas, humor cáustico e a proibida linguagem da escatologia e sexualidade vêm juntas, em espontânea simbiose, certas de refletir, de forma simultânea e consistente, a insolúvel dialética tão perturbadora para o narrador, empantur-

³⁹ Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

⁴⁰ PARKER, John. Resenha de *O longo tempo de Eduardo Cunha Júnior*, de Cunha de Leiradella. *Colóquio/Letras*, n.106, p.117, nov./dez.1988.

rado de tranquilizantes: como manter sua sanidade interior (felicidade seria certamente um objetivo inalcançável) em meio a pressões externas terríveis? Satirizando as classes média e alta cariocas, o autor enfatiza a sua inclinação na direção da homogeneidade maldosa bem como a sua hipócrita aceitação e dependência dos detestados valores (importados).

O personagem-título, assim, fornece um cola-tudo metafórico para sua classe e seu momento pós-revolucionário. Ele poderia, com a mesma facilidade, servir de alusão menos lisonjeira para muitos dos valores plásticos vazios, falsas aparências e rígidas formalidades que vieram a caracterizar o golpe de 1964; e suas taras óbvias, seja no plano físico, seja no plano mental, mostram mais zombaria da qualidade, da capacidade e da eficiência dos governos que se seguiriam, dominados pelos militares. Embora materialmente bem de vida, Eduardo está espiritualmente falido. Mesmo a sua virilidade, último reduto do orgulho do macho, é sabotada sexualmente pela esposa insaciável. O seu embaraço é tão básico, de fato, que esta inversão do tradicional machismo brasileiro se estende para uma obsequiosidade relacionada com o emprego, que o narrador relata no começo, com previsível humor autodepreciativo, explicitação psicológica e hipérbole óbvia: "...se alguém algum dia se lembrar de tirar uma radiografia do saco do meu patrão, vão aparecer todos os meus dedos fazendo carinhos nos culhões dele" (p.12).

Meu nome não é Cunha de Leiradella

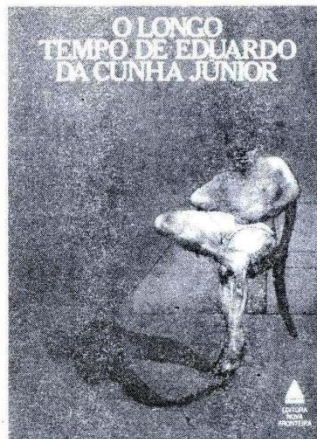
João Felício dos Santos

Estranho romance de um autor estranho, é este *O Longo Tempo de Eduardo da Cunha Júnior*. Cunha de Leiradella, português radicado no Brasil e mineiro desde 1980, ganhou diversos prêmios com ele, e publicou-o agora pela Editora Nova Fronteira, do Rio de Janeiro. Estranhíssimo também o personagem Eduardo da Cunha Júnior, que perpassa por todos os romances e alguns contos e peças teatrais do autor.

"Meu nome não é Cunha de Leiradella. Cunha de Leiradella já morreu. Mas, também, Eduardo da Cunha Júnior é só meu nome de batismo. Sou brasileiro, desquitado, tenho quarenta anos de idade, vivo com uma mulher e um filho, faço análise três vezes por semana e tomo tranquilizantes todas as noites." Assim começa esse romance estranho. Para continuar, páginas além: "Minha mulher há muito não acredita mais em mim. Contudo, às vezes, ainda conversamos. Mas as nossas conversas são inúteis: Iracema, você acredita mais nos outros do que em mim. Eu sei, Eduardo. Mas a você eu já conheço há doze anos e aos outros ainda não. Minha mulher tem razão. De tanto mentir a tanta gente, nestes últimos doze anos, mesmo que agora não lhe mentisse mais, ela não iria acreditar. (...) Mas, apesar de tudo, é ela que ainda me incentiva. Entretanto, ambos sabemos que ela diz isso só porque, se eu perder o emprego, lá se vá o apartamento, o carro novo, o Serramar Country Clube, os cheques

especiais, o carnaval na Bahia e as férias em Bariloche."

Leiradella sabe mergulhar no âmago do ser humano. Eduardo da Cunha Júnior (personagem-êmulos de seu próprio ego), gerente de marketing, vive apavorado com a ideia de perder o emprego. É o maior salário da companhia e ele sabe que "tem ótimos puxa-sacos por aí que nunca fizeram análise, ganham metade do que eu ganho, são excelentes atletas, falam até Inglês e estudaram Administração na Fundação Getúlio Vargas. E, o que é pior, a maior parte deles tem menos quinze anos do que eu". Formado em Advccacia, apenas porque sempre lhe tinham dito que "depois de formado, a vida seria bem melhor", Eduardo da Cunha Júnior passa a maior parte do tempo tentando fazer o seu mundo, levado pelo que lhe dissera uma mulher, certa noite, num bar de beira de praia: "Quando eu tinha a sua idade, eu devia era ter feito o meu mundo. Agora só me resta apanhar o que me dão. Vinte e três anos a gente só tem uma vez na vida, meu querido." Eduardo da Cunha Júnior parte, então, para a feitura do seu mundo. Xinga o patrão, Dr. Maluf, um turco de cara bovina. "Exatamente a cara do sujeito a quem os vereadores e deputados gostam de fazer cidadão honorário deste País", demite-se, rasga o diploma e emprega-se como auxiliar de escritório numa multinacional de exportação. E defende o seu espaço com unhas e dentes "... indiferente a tudo. A chuva ou ao sol, aos resultados das eleições ou da loteria, ao



muro de Berlim ou às rendas do Maracanã.") e casa-se com uma colega de trabalho. Até que, um dia, numa discussão com a mulher, descobre que não tinha feito nenhum mundo. Casara porque ela quisera e, tudo que tinha feito, no trabalho ou na vida, fora feito, apenas, porque os outros tinham deixado. E a fossa e, depois, a revolta. Desquita-se. Mas era tarde. Já não tinha mais vinte e três anos e não havia mais mundo para fazer. Angustiado, casa-se de novo e, sem saber que porta abrir para "começar a viver", deita-se no divã de um analista e toma tranquilizantes todas as noites.

O romance é todo de uma cruza impiedosa. Leiradella não faz concessões. Nem a ele, nem aos personagens, nem ao leitor. "Os outros não existem. Só existem porque eu tenho medo deles." Eduardo da Cunha Júnior é o paradigma de todos nós. Apavorados com a sobrevivência, apavorados com a angústia, mas mais apavorados, ainda, com o eterno faz-de-conta: aparentar sempre o que não somos.

Um excelente romance, realmente. E que se lê de um fôlego, tal a oralidade do texto e a segurança da carpintaria. Cunha de Leiradella é um romancista.

João Felício dos Santos ficcionista, tem publicado diversos romances de assuntos históricos ligados à escravidão do negro no Brasil. **Ganga Zumba** é um deles.

COLÓQUIO | Letras

REVISTA BIMESTRAL

CUNHA DE LEIRADELLA
O LONGO TEMPO DE
EDUARDO DA CUNHA JÚNIOR
Rio, Editora Nova Fronteira / 1987

Cunha de Leiradella é um português (de Leiradela, no Minho) que, em 1958, se foi de armas e bagagens para o Brasil, com escala no Norte da África. De acordo com um artigo-entrevista publicado, há coisa de um ano, no Suplemento Literário do *Minas Gerais*, trata-se dum antigo estudante de Direito (em Coimbra), membro, nas suas próprias palavras, «da última geração romântica de Portugal». Após mais de vinte anos no Rio, onde foi, além de vendedor de livros, jornalista, crítico e professor de teatro, transferiu-se para Belo Horizonte em 1980 e agora diz-se «mineiro e brasileiro por opção e não por mero acaso». Vencedor de diversos prêmios literários, para teatro, conto e romance, com várias peças encenadas e dezenas de contos publicados, o A. só iria ver este romance, escrito nos idos de 1973 e galardoado com o Prémio Fernando Chinaglia (1981), nas montras das livrarias em Setembro de 1987.

O «orelhista» da editora teve a infeliz ideia de aplicar a este livro o epíteto «agradável», quando se trata duma narrativa amarga e deprimente, com algumas cenas verdadeiramente disfémicas e sobretudo penosas em termos de dignidade pessoal. E será essa dignidade fundamental que está em jogo no romance, onde se coloca a problemática do indivíduo que tenta construir um mundo próprio comprometendo-se minimamente com a sociedade que o rodeia; um mundo minimalizado, digamos, um espaço reduzido, sem ambições, governado por um medo quotidiano que a sua ocupação procura afastar. No princípio da narrativa, já sabemos que a tentativa falhou, pois o narrador epónimo e autodiegético, agora gerente de *marketing*, nos informa: «não mudo de emprego porque sou o maior salário da companhia e tenho medo de perdê-lo». Sobretudo, tem uma situação social e nenhuma dignidade pessoal («se alguém um dia se lembrar de tirar uma radiografia do saco do meu patrão, vão aparecer todos os meus dedos fazendo carinhos nos colhões dele»). A narrativa, em analepse, se encarregará de descrever, passo a passo, como se construiu o plano de Eduardo: o corte com a família, a saída desaforada do primeiro emprego, o repúdio do diploma universitário e do tradicionalismo por ele representado, o emprego propositadamente modesto numa multinacional, a recusa de envolvimento social com os colegas e com os comensais

da pensão onde mora. E como o plano se frustrou, de encontro ao projecto de outro indivíduo, do sexo oposto, que se insinua, sorrateiramente, na vida dele, oferecendo-lhe, com aparente desinteresse, o apoio de que ele sente necessidade: o casamento com Márcia, a mulher ruiva, cujas exigências sexuais e pretensões sociais acabarão por destruir o pequeno e frágil mundo de Eduardo.

Para o articulista do Suplemento do *Minas Gerais*, o romancista «denota extrema coragem [...] em se despir diante dos leitores». Desejo vulgar de identificar o autor com a sua criatura? Ao começar com as palavras «Meu nome não é Cunha de Leiradella», o texto parece querer desmentir qualquer identificação, mas a continuação «Cunha de Leiradella já morreu» confunde os dados, e o vago valor simbólico atribuído, mais adiante, ao nome não explica a sua necessidade diegética ou psicológica no romance. Aliás, o livro se mostra algo desconcertante no actual panorama da ficção brasileira, pois até a presumível actualização da data do nascimento do narrador para 1938 (que projectaria os seus quarenta anos inexplicavelmente para além do ano em que o livro foi escrito) coloca o foco da acção no período anterior ao golpe de 1964. Indicação, talvez, de que para o projecto do Autor basta o sistema capitalista, por ser alienante, em termos existencialistas, alusão, ademais, que surge explicitamente na narrativa, pois a angústia de Eduardo é identificada com a experiência de personagens de Sartre e Camus. Outras leituras intertextuais se fazem lembrar: nas entrelinhas do discurso de Eduardo parece-nos ouvir a voz disfórica e disfémica de Luís da Silva (*Angústia*), outro narrador autodiegético cuja ambição de uma pequena vida sem sobressaltos é igualmente destruída pela dependência duma mulher com outras exigências. O que surpreende, no romance de Cunha de Leiradella, é a inversão dos papéis sexuais, sendo Eduardo não só requestado por Márcia, envolvido na teia que ela lhe tece, mas dominado, devorado pela fúria do seu apetite orgástico, vendo-se na figura da fêmea o próprio sistema, em que o indivíduo não escolhe o seu lugar, mas aceita as regras a que todos obedecem.

Escreve bem o Cunha de Leiradella, dotando o seu narrador de um estilo fluente, coloquial, que envolve o leitor, mantendo o interesse pelo personagem central até à última página; os diálogos, também, são extremamente naturais e bem conseguidos. Esperamos com interesse a publicação de outros romances deste autor.

John Parker